

# Impactos da COVID-19 na saúde mental de estudantes de pós-graduação da área da saúde de uma universidade no Ceará, Brasil

*Impacts of COVID-19 on the mental health of graduate students in the health area of a university in Ceará, Brazil*

Recebido em: 22/08/2022

Aceito em: 03/02/2023

**Kelly Rose Tavares NEVES<sup>1</sup>; Sophia de Oliveira MARTINS<sup>2</sup>;  
Karisia Caldas TAVARES<sup>2</sup>; Gislei Frota ARAGÃO<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal do Ceará (UFC), Campus Porangabuçu. Rua Coronel Nunes de Melo 1000, Rodolfo Teófilo, CEP 60430-275. Fortaleza, CE, Brasil.

<sup>2</sup>Centro Universitário Paraíso (UNIFAP). Rua Conceição 1228, CEP 63010-465. Juazeiro do Norte, CE, Brasil.

<sup>3</sup>Universidade Federal do Ceará (UFCe), Campus Itaperi. Av Dr. Silas Munguba 1700, CEP 60714-903. Fortaleza, CE, Brasil.

E-mail: giseellyalmeeida@gmail.com

## ABSTRACT

Graduate students experience an environment of intense demands. The COVID-19 pandemic caused the suspension of face-to-face academic activities, affecting the daily lives of these people. This study aimed to analyze the impact of COVID-19 on the mental health of stricto sensu graduate students in the health area of a public university in Ceará regarding the use of antidepressant and anxiolytic drugs. This cross-sectional, descriptive study uses a remote questionnaire from August 2021 to February 2022. Socio-demographic, clinical, medication use, and data from the "Self-Report Questionnaire" test were collected. 217 master's and doctoral students participated in the study, most of them female (71%), between 21 and 30 years old (55.3%) and without children (76.5%). The results showed an increase in the number of graduate students with symptoms of anxiety and/or depression after the pandemic (23.4%). Among the main symptoms, there is a strong indication of mental suffering (60.4%), nervousness, tension or concern (77.9%), sadness (55.3%), difficulties in carrying out daily activities with satisfaction (55.4%), and tiredness (65%). These symptoms were most prevalent among women. Regarding medication use (anxiolytics/antidepressants), 38.2% responded positively. Of these, 40.9% increased the dosage, and 79.5% experienced adverse reactions. In this way, the COVID-19 pandemic negatively affected graduate students' mental health, reinforcing the need for universities to develop strategies to mitigate these students' emotional suffering.

**Keywords:** pharmaceutical intervention; prescription; rational use of medicines; hospital.

## RESUMO

Estudantes de pós-graduação vivenciam um ambiente de intensas demandas e cobranças. A pandemia de COVID-19 provocou a suspensão das atividades acadêmicas presenciais, afetando o cotidiano dessas pessoas. O objetivo deste estudo foi analisar o impacto da COVID-19 na saúde mental de estudantes de pós-graduação *stricto sensu* da área da saúde de uma universidade pública do Ceará, quanto ao padrão de utilização de medicamentos antidepressivos e ansiolítico. Trata-se de um estudo transversal, descritivo, utilizando um questionário remoto, no período de agosto de 2021 a fevereiro de 2022. Foram coletadas variáveis sócio demográficas, clínicas, sobre uso de medicamentos e dados provenientes de teste “Self-Report Questionnaire”. Participaram do estudo 217 estudantes de mestrado e doutorado, a maioria do sexo feminino (71%), entre 21 e 30 anos (55,3%) e sem filhos (76,5%). Os resultados mostraram um aumento do número de pós-graduandos com sintomas de ansiedade e/ou depressão após a pandemia (23,4%). Entre os principais sintomas destacam-se forte indício de sofrimento mental (60,4%), nervosismo, tensão ou preocupação (77,9%), tristeza (55,3%), dificuldades para realizar atividades diárias com satisfação (55,4%) e cansaço (65%). Estes sintomas foram mais prevalentes entre as mulheres. Em relação ao uso de medicamentos (ansiolíticos/antidepressivos) 38,2% responderam positivamente; 40,9% aumentaram a posologia e 79,5% sentiram reações adversas. Desta forma, a pandemia de COVID-19 provocou efeitos negativos na saúde mental dos pós-graduandos, o que reforça a necessidade de as universidades desenvolverem estratégias de enfrentamento a fim de atenuar o sofrimento emocional desses estudantes.

**Palavras-chaves:** COVID-19; saúde mental; estudantes de ciências da saúde; antidepressivos; ansiolíticos

## INTRODUÇÃO

A COVID-19 (*Corona Virus Disease 2019*) causada pelo vírus SARS-CoV-2 (*Severe Acute Respiratory Syndrome Corona Virus 2*), foi declarada uma pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em março de 2020 (1). Com isso, os estados brasileiros iniciaram a interdição gradativa das atividades de circulação de pessoas e indicação de isolamento social, visando a diminuição da transmissão da doença.

Nesse contexto, as atividades educacionais foram suspensas e o Ministério da Educação do Brasil (2) decidiu pela substituição das aulas presenciais por turmas remotas utilizando meios digitais, cabendo às Instituições de Ensino se adaptarem, o que afetou o cotidiano dos estudantes drasticamente e gerando muitas preocupações individuais e coletivas (3).

Essas medidas fizeram com que muitos pós-graduandos sentissem dificuldades de manter uma rotina de estudos, pesquisa e de escrita das dissertações/teses (4). Os estudantes de graduação

também tiveram dificuldades após a conversão para o ensino remoto, com a percepção de aumento nas demandas acadêmicas gerando angústia, motivação comprometida, distúrbios do sono, bem como sintomas ansiosos e depressivos(5).

Durante a formação acadêmica, estima-se que entre 15% a 25% dos universitários apresentem algum tipo transtorno psicológico (6), principalmente transtornos depressivos e de ansiedade (7), o que pode diminuir a capacidade de aprendizagem e comprometimento na interação social com familiares e amigos.

O ambiente da pós-graduação é ainda mais desafiador quando comparado com a graduação, considerando as intensas demandas e cobranças que se apresentam aos estudantes dos cursos de mestrado e sobretudo, de doutorado, seja no desenvolvimento da dissertação/tese, exame de qualificação, participação em eventos nacionais e internacionais, cumprimento dos créditos das disciplinas, publicação de artigos em periódicos qualificados, defesa (8).

Todos esses fatores indicam uma vulnerabili-

dade dos estudantes de pós-graduação quanto sua saúde mental, especialmente no que se refere a depressão e ansiedade. Durante o período da pandemia pela COVID-19 pode ter havido um alto índice na utilização de medicamentos para o tratamento desses problemas, considerando o aumento significativo no número total de medicamentos antidepressivos e ansiolíticos vendidos no Brasil durante o ano de 2020 em relação ao ano anterior, com os estados do Maranhão e do Ceará liderando este ranking (9).

Dessa forma, o objetivo deste estudo foi analisar o impacto da COVID-19 na saúde mental de estudantes de pós-graduação *stricto sensu* da área da saúde de uma universidade pública do Ceará e, ainda, se houve mudança no padrão de utilização de medicamentos antidepressivos e ansiolítico.

## MÉTODO

**Tipo de estudo.** Trata-se de estudo transversal observacional descritivo, com abordagem quantitativa envolvendo estudantes de pós-graduação matriculados em programas de pós-graduação da área da saúde de uma universidade pública no estado do Ceará-Brasil.

**População do estudo.** A amostra foi composta por 217 estudantes de ambos os sexos matriculados regularmente entre os 12 Programas de Pós-Graduação (PPG) da universidade. Foram incluídos pós-graduandos regularmente matriculados, acima de 18 anos, de qualquer gênero, raça ou cor, e que tivesse acesso à internet e uma conta de e-mail. Os critérios de exclusão foram: alunos que não estivessem matriculados de forma regular (como alunos ouvintes ou casos especiais), que efetuaram trancamento total do semestre, ou ainda que estivessem impossibilitados de acessar a internet.

A distribuição dos discentes por PPG foi a seguinte: Ciências Cardiovasculares (5), Ciências Farmacêuticas (15), Ciências Médicas (13), Ciências Morfofuncionais (24), Enfermagem (26), Farmacologia (25), Fisioterapia e Funcionalidade (22), Saúde Pública (32), Patologia (18), Odontologia (24), Medicina Translacional (10) e Microbiologia Médica (4).

**Cálculo da Amostra.** Considerando que em todos os semestres são ofertadas em média 15 vagas para mestrado e 10 para doutorado, e que

são 12 cursos de pós-graduação da área da Saúde, a população aproximada é 600 estudantes. Dessa forma, para um nível de confiança de 90%, margem de erro em 4% e uma população heterogênea, foi definida uma amostra de 217 estudantes de pós-graduação.

**Instrumento de coleta de dados.** O instrumento de pesquisa trata-se de um formulário criado na plataforma *Google Forms*, contendo perguntas de múltipla escolha, dividido em duas partes, totalmente autoaplicável e com duração média de 5 minutos.

A primeira parte continha 27 questões sobre dados sócio-demográficos relacionadas à idade, renda, moradia, além de solicitar informações relativas à COVID-19, se o estudante tinha diagnóstico prévio de depressão e ansiedade, uso de medicamentos antidepressivos e ansiolíticos, e possíveis alterações do padrão de uso durante o período da Pandemia de COVID-19.

A categoria renda familiar foi composta pelo somatório dos rendimentos dos membros da família, foram considerados os rendimentos do pai, da mãe, do próprio pós-graduando, do cônjuge, de irmão(s) ou de pessoas que compartilhavam a mesma residência e colaboravam financeiramente com as despesas mensais. A referência utilizada foi o valor do salário mínimo (SM) brasileiro no ano de 2021 de R\$ 1.100,00.

A segunda parte era constituída pelo teste “Self-Report Questionnaire” (SRQ 20), que é um instrumento utilizado para análise de transtornos mentais comuns, composto de 20 questões do tipo sim/não, das quais quatro são sobre sintomas físicos, e 16, sobre distúrbios psicoemocionais (10). As respostas possibilitam o estabelecimento de uma pontuação, a qual determinará a suscetibilidade do sujeito (11). Cada resposta positiva pontua com o valor 1, enquanto resposta negativa vale zero (0), o somatório de pontos pode variar de 20 (extrema probabilidade) a 0 (nenhuma probabilidade), e pontuação igual ou acima de 7 pontos é considerado sofrimento mental (12).

Pesquisas anteriores demonstraram que o SRQ-20 mostrou-se adequado para avaliar o impacto psicológico no contexto da pandemia da COVID-19, inclusive em populações urbanas brasileiras (12,13), entretanto, foi necessário adaptar a metodologia

quanto ao período de tempo relacionado às informações solicitadas, visto que originalmente as questões referem-se aos últimos 30 dias.

#### Variáveis do Estudo.

- a. Dados socioeconômicos como sexo, idade, curso, estado civil, número de filhos e renda;
- b. Testagem positiva do estudante para COVID-19 no período avaliado,
- c. Positividade para COVID-19 entre membros da família e família extensa\*
- d. Se o estudante mora com alguém do grupo de risco e se tinha enfrentado luto devido a COVID-19.
- e. Diagnóstico prévio de ansiedade e depressão.
- f. Uso de medicamentos antidepressivos e ansiolíticos ou aumento de dose.
- g. Sintomas físicos e emocionais relacionados a sofrimento mental

Foi realizada uma análise de regressão entre as variáveis com a seguinte combinação:

- a. Positividade COVID-19 *versus* Uso dos medicamentos/ou aumento de dose
- b. Mora com alguém do grupo de risco *versus* Uso dos medicamentos/ou aumento de dose
- c. Positividade de COVID-19 entre membros da família extensa *versus* Uso dos medicamentos/ou aumento de dose.
- d. Renda x Uso dos medicamentos/ou aumento de dose.

\* Entende-se por família extensa ou ampliada aquela que se estende para além da unidade pais e filhos ou da unidade do casal, formada por parentes próximos com os quais a pessoa mantém vínculos de afinidade e afetividade.

**Procedimentos.** A coleta dos dados ocorreu de forma remota através do preenchimento de um questionário elaborado na plataforma Google®, denominado Google Forms®, no período de agosto de 2021 a fevereiro de 2022. Os questionamentos tinham como referência as duas primeiras ondas de COVID-19 no Ceará que ocorreram no período de março a setembro de 2020 e de outubro a novembro de 2021.

Foi feito contato por telefone e e-mail com as secretarias dos Programas de Pós-Graduação (PPG) solicitando ampla divulgação da pesquisa entre os estudantes matriculados, e o link do

formulário foi enviado para o e-mail dos pós-graduandos matriculados.

**Aspectos éticos.** Este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ através Plataforma Brasil, e aprovado com Número do Parecer: 48831021.8.0000.5054, e seguiu todas as diretrizes éticas da Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012 (Resolução, 2012), do Conselho Nacional de Saúde.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi enviado de forma on-line, na parte anterior ao questionário, e os participantes que aceitaram assinalaram eletronicamente, o que corresponde à assinatura do referido documento.

**Análise de dados.** Todas as respostas do questionário foram organizadas em planilhas Excel, versão Microsoft Office 2016, para a análise estatísticas de cunho descritivo (percentual). Os resultados foram agrupados em categorias, apresentados por meio de tabelas, e as discussões foram respaldadas na literatura científica.

Os procedimentos estatísticos avaliaram a associação entre dois fatores, considerando o uso de medicamentos ansiolíticos/antidepressivos como desfecho primário. Para tanto, foi utilizando o teste Qui-quadrado e definido o  $p < 0,05$  como estatisticamente significativa. A força dessa associação também foi avaliada por meio da determinação da razão de prevalência e seu intervalo de confiança de 95%. Foi utilizado o software Graph Prism® versão 8.0.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do presente estudo 217 estudantes matriculados nos cursos de Pós-graduação *stricto sensu* da área de saúde de uma universidade pública de Ceará, cujo perfil, como pode ser visto na Tabela 1, foi caracterizado predominantemente por mulheres (71%), com idades variando entre 22 a 64 anos, com média de idade de 31,8 ( $\pm 7,6$ ) anos. A maioria era solteiros (56,7%); os casados representaram 39,6% da amostra e 3,2% para os separados e 0,5% para os viúvos. A maior parte dos estudantes (76,5%) declarou não ter filhos e a proporção dos que tinham somente um filho era de 11,1%, enquanto 12,4% declararam ter dois ou mais filhos.

Com relação à situação financeira, a maioria dos participantes declarou que a renda familiar estava dentro do intervalo entre 2 SM e menos

que 19 SM. Na faixa de renda mais baixa encontrava-se 8,8% dos pós-graduandos, enquanto apenas 5,0% destes informaram valores iguais ou superiores a 19 SM.

Quando perguntado se o discente morava com alguém que pertencia ao grupo de risco para COVID-19, 50,7% responderam que sim. Testaram positivo para COVID-19, até o momento da pesquisa, 83 estudantes (38,2%), e a taxa de

positividade entre familiares foi de 59,4% na família nuclear e 83,4% extensiva, e ainda, 35,5% dos participantes vivenciaram o luto pela morte de alguém próximo.

A maioria dos participantes não tinha diagnóstico de transtornos mentais menores (depressão e ansiedade), entretanto, durante a pandemia, 13,4% da amostra foi diagnosticada com ansiedade e 10,1% com depressão.

**Tabela 1.** Características sociodemográficas e clínicas dos estudantes de pós-graduação em saúde de uma Universidade Pública do Estado do Ceará durante a pandemia de COVID-19 entre 2021/2022.

Variáveis	N	%
<b>Faixa etária</b>		
21 a 30	120	55,3
31 a 40	74	34,1
41 a 50	16	7,4
Acima de 51	7	3,2
<b>Sexo</b>		
Feminino	154	71
Masculino	63	29
<b>Estado civil</b>		
Solteiro	123	56,7
Casado(a)/coabitando	86	39,6
Separado(a)/divorciado(a)	7	3,2
Viúvo(a)	1	0,5
<b>Filhos</b>		
Não	166	76,5
Somente 1	24	11,1
2 ou mais	27	12,4
<b>Mora com alguém do grupo de risco</b>		
Sim	110	50,7
Não	107	49,3
<b>Renda familiar</b>		
Até 2 SM	19	8,8
2 SM - 3,8 SM	64	29,5
3,8 SM - 9,5 SM	69	31,9
9,5 SM - 19 SM	54	24,8
19 SM ou mais	11	5,0
<b>Positividade COVID-19</b>		
Sim	83	38,2
Não	134	61,7
<b>Positividade de COVID-19 na família extensa</b>		
Sim	181	83,4
Não	36	16,6
<b>Luto devido a COVID-19</b>		
Sim	77	35,5
Não	141	64,5
<b>Diagnóstico de Depressão</b>		
Sim, antes da pandemia	20	9,2
Sim, durante a pandemia	22	10,1
Não	175	79,9
<b>Diagnóstico de Ansiedade</b>		
Sim, antes da pandemia	55	25,3
Sim, durante a pandemia	29	13,4
Não	133	61,3

Como pode ser visto na Tabela 2, 83 (38,2%) estudantes usavam medicamentos para sintomas de ansiedade/depressão, alguns citaram ainda o uso de fitoterápicos e chás. Destes, 61 (74,5%) eram mulheres. Somente oito estudantes assumiram a prática de automedicação de psicofármacos. Entre os que usavam medicamentos, o percentual

daqueles que aumentaram a posologia após a deflagração a pandemia foi 40,9%. E ainda, 79,5% informaram sentir alguma reação adversa a medicamento (RAM), das quais as mais citadas foram: sonolência, problemas gastrointestinais (constipação, náuseas, vômitos), perda da libido, ganho de peso, insônia e tontura.

**Tabela 2.** Frequência e percentual dos estudantes de pós-graduação quanto ao padrão de uso de medicamentos ansiolíticos/antidepressivos, reações adversas e outras formas de terapias. Ceará, 2021/2022

Variáveis	Tamanho da amostra total pesquisada (N)	Número de pessoas que responderam positivamente a pergunta (n)	(%)
Uso de Antidepressivo/Ansiolítico (masculino e feminino)	217	83	38,2
Uso de Antidepressivo/Ansiolítico somente pelo sexo feminino	83	61	74,5
Alteração na posologia	83	34	40,9
Presença de Reação Adversa ao Medicamento (RAM)	83	66	79
Uso dos medicamentos sem prescrição médica	83	8	3,7
Terapias não farmacológica	217	74	34,1

Terapias não farmacológicas durante a pandemia foi relatado por 34,13% dos pós-graduandos, como a psicoterapia, a meditação (*Mindfulness*), aromaterapia, trabalhos manuais, além de atividades físicas, como parte do cuidado com a saúde mental.

Na presente pesquisa, os três medicamentos mais usados foram: o escitalopram, fluoxetina e sertralina, todos pertencem a classe dos inibidores

seletivos de recaptção de serotonina (ISRS). A descrição detalhada dos medicamentos mencionados encontra-se na Tabela 3.

Em relação à aplicação do teste SRQ 20, de acordo com a Tabela 4, 60,4% (n=131) dos estudantes obteve pontuação igual ou superior a 7, caracterizando sofrimento mental, e a média da amostra foi de 8,24 pontos.

**Tabela 3.** Frequência dos medicamentos ansiolíticos/antidepressivos usados por estudantes de pós-graduação em saúde durante a pandemia de COVID-19. Ceará, 2021/2022

Medicamento	n	%
Escitalopram	17	20,5
Sertralina	12	14,5
Fluoxetina	11	13,3
Alprazolam	7	8,4
Zolpidem	7	8,4
Fluvoxamina	5	6,0
Amitriptilina	5	6,0
Clonazepam	5	6,0
Outros	9	10,8
Total	83	100

De 217 estudantes de ambos os sexos, durante a pandemia, 55,3% relataram sentir frequentemente tristes ou deprimidos, e 53,9% relataram dormir mal, 77,9% relataram nervosismo, tensão ou preocupação, 55,3% relataram tristeza, 54,4% relataram ter dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias, 53,9% relataram dificuldades para tomar decisões, 59,4% relataram cansaço em tempo integral e 65% cansava com facilidade. As mulheres estavam mais propensas a sofrimento mental (64,3%) durante a pandemia, principalmente em relação ao sentimento de nervosismo, tensão ou preocupação (81,8%) e a se cansar com facilidade (70,1%).

Os resultados ainda indicaram que há uma associação estatisticamente significativa entre o uso de medicamentos ansiolíticos/antidepressivos e a pontuação igual ou maior que sete no teste SRQ 20. Assim, os pós-graduandos que tiveram sete ou mais respostas SIM, característico de sofrimento mental, têm probabilidade 3,5 vezes maior de usar medicamentos para sintomas de ansiedade e depressão do que aqueles com pontuação menor, como era esperado. Também foi encontrada associação entre uso desses medicamentos e teste positivo para COVID-19 na família extensa do participante.

**Tabela 4.** Relação entre a pontuação no teste SRQ-20 e gênero dos estudantes de pós-graduação em saúde durante a pandemia de COVID-19. Ceará, 2021/2022

SRQ-20	Ambos (n= 217)	Feminino (n= 154)	Masculino (n= 63)
Pontuação ≥ 7	131 (60,4%)	99 (64,2%)	32 (50,8%)
Dores de cabeça frequentes	97 (44,7%)	76 (49,3%)	21 (33,3%)
Falta de apetite	48 (22,1%)	36 (23,3%)	12 (19,0%)
Dorme mal	117 (53,9%)	82 (53,2%)	35 (55,50%)
Assusta-se com facilidade	101 (46,5%)	80 (51,9%)	21 (33,3%)
Tremores nas mãos	36 (16,6%)	27 (17,5%)	9 (14,3%)
Sente-se nervoso, tenso ou preocupado	169 (77,9%)	126 (81,8%)	43 (68,2%)
Má digestão	96 (44,2%)	76 (49,3%)	20 (31,7%)
Dificuldade de pensar com clareza	84 (38,7%)	60 (38,9%)	24 38,1%
Sente-se triste	120 (55,3%)	87 (56,5%)	33 52,4%
Chora mais que de costume	61 (28,1%)	51 (33,1%)	10 (15,9%)
Dificuldade para realizar com satisfação atividades diárias	118 (55,4%)	89 (57,8%)	29 (46,0%)
Dificuldade para tomar decisões	117 (53,9%)	85 (55,2%)	32 (50,8%)
Dificuldade no serviço	88 (40,6%)	63 (40,9%)	25 (39,7%)
Incapacidade de desempenhar papel útil	22 (10,1%)	13 (8,4%)	9 (14,3%)
Perda de interesse	98 (45,2%)	69 (44,8%)	29 (46,0%)
Sentimento de inutilidade	41 (18,9%)	31 (20,1%)	10 (15,9%)
Pensamento suicida	27 (12,4%)	21 (13,6%)	6 (9,5%)
Sente-se cansado	129 (59,4%)	101 (65,6%)	28 (44,4%)
Cansa-se com facilidade	141 (65,0%)	108 (70,1%)	33 (52,4%)
Sensações desagradáveis no estômago	82 (37,8%)	63 (40,9%)	19 (30,1%)

Além dessas duas, porém, não foram encontradas mais associações entre o uso de medicamentos e outras variáveis do estudo como sexo do participante, ter filho(s), teste

positivo para COVID-19 no participante, coabitação com alguém do grupo de risco e renda familiar. Os dados detalhados estão contidos na Tabela 5.

**Tabela 5.** Análise da associação entre o uso de medicamentos e a principais variáveis do estudo. Ceará 2021/2022

Variáveis	Uso de medicamentos				RP	IC 95%	Valor p*
	Sim		Não				
	n	%	n	%			
<b>Sexo</b>							
Feminino	61	39,6	93	60,4	1,134	0,783-1,702	0,5188
Masculino	22	34,9	41	60,1			
<b>Ter filho(s)</b>							
Sim	19	37,3	32	62,7	0,966	0,644-1,448	0,8674
Não	64	38,5	102	61,5			
<b>Renda familiar</b>							<b>0,197</b>
Até 2 SM	5	26,3	14	73,7	0,546	0,245-1,219	0,0977
2 SM + 3,8 SM	20	31,2	44	68,8	0,649	0,411-1,025	0,0608
3,8 SM + 9,5 SM	30	43,5	39	56,5	0,903	0,613-1,329	0,6058
9,5 SM + 19 SM	26	48,1	28	51,9	1,0		
19 SM ou mais	3	27,3	8	72,7	0,566	0,207-1,546	0,2043
<b>Coabitação com alguém do grupo de risco</b>							
Sim	44	40,0	66	60,0	1,097	0,783-1,543	0,5905
Não	39	36,4	68	63,5			
<b>Positividade para COVID-19</b>							
Sim	32	39,0	50	61,0	1,033	0,724-1,449	0,8546
Não	51	37,8	84	62,2			
<b>Positividade na família extensa para COVID-19</b>							
Sim	75	41,4	106	58,6	1,865	0,987-3,520	0,0382
Não	08	22,2	28	77,8			
<b>SRQ 20 ≥ 7</b>							
Sim	68	61,3	43	38,7	3,512	2,167-5,694	<0,0001
Não	15	17,4	71	82,5			

PR = Razão de Prevalência, IC = Intervalo de Confiança, \*Teste Qui Quadrado. SM = Salários Mínimos, em 2021 o SM teve o valor de R\$ 1.100,00. SRQ = *Self Report Questionnaire*

Estudos envolvendo estudantes pós-graduação no contexto da pandemia de COVID-19, são mais difíceis de serem encontrados na literatura comparado com estudos envolvendo estudantes de graduação (4). A análise dos 217 formulários mostrou o impacto negativo que os estudantes de pós-graduação da área de saúde sofreram durante a pandemia de COVID-19 no período de agosto de 2021 a fevereiro de 2022 e isso resultou no aumento do uso de medicamentos ansiolíticos e antidepressivos.

Neste estudo a população de estudo teve o predomínio de mulheres, solteiras, sem filhos,

com idade média de 31,8. Segundo dados do Ministério da Educação, as mulheres representam 54,2% dos matriculados em mestrado e doutorado no Brasil, e estas estudantes parecem ser mais susceptíveis a sintomas de depressão e ansiedade. Em outras pesquisas realizadas durante a pandemia e em condição de quarentena ou isolamento social, também foi verificado maior prevalência de ansiedade e depressão em indivíduos do sexo feminino (14,15). Segundo Teixeira e cols (2021), ser do sexo feminino e ter o estado civil solteiro são considerados fatores de risco para o sofrimento psíquico (16).



Mesmo a faixa etária em que se encontra a amostra dessa pesquisa não sendo considerada pertencente ao grupo de risco em termo de letalidade para COVID-19, o aumento dos casos desta doença viral e suas repercussões negativas, na época da pesquisa, pode ter influência nos níveis de estresse, ansiedade e depressão, assim como indicam outros trabalhos com estudantes universitários (17,18).

A maioria dos participantes declarou que sua renda financeira junto com as pessoas que moram na mesma casa está acima de 3,8 salários mínimos. Alguns desses estudantes recebem bolsas de pós-graduação (mestrado e doutorado) que são disponibilizadas pelas agências de fomento à pesquisa. Apesar das agências terem mantido o pagamento das bolsas durante a pandemia e até estendido o prazo, a maioria dos estudantes da presente pesquisa relatou diminuição da renda familiar nesse período. Os resultados do estudo de Duarte e cols (2020) indicaram que ter renda diminuída no período da pandemia pelo SARS-CoV-2 é um dos fatores de risco importantes para um maior impacto na saúde mental dos brasileiros (15).

Mais da metade dos discentes pesquisados relataram que moram com alguém pertencente ao grupo de risco para COVID-19 e isto pode ser também um fator de gerador de tensão e preocupação, repercutindo em ações geradoras de ansiedade como aumento dos cuidados com higiene, especialmente excesso na lavagem de mãos, uso excessivo de álcool gel e o medo de transmitir a doença para alguém do seu convívio.

A taxa de positividade para COVID-19 entre os estudantes de nosso estudo e seus familiares foi alta e mais de um terço deles vivenciou o luto. A ocorrência de adoecimento e de óbito de diferentes pessoas em um mesmo núcleo familiar traz estressores adicionais aos processos de despedida e à adaptação às perdas (19). As repercussões negativas geradas nos casos de falecimento podem ser potencializadas, a depender da fase do ciclo de vida e das funções desempenhadas na família por esta pessoa (20).

Durante a pandemia, alguns estudantes da nossa amostra receberam diagnóstico de depressão e de ansiedade. Uma meta-análise mostrou que a prevalência de depressão e ansiedade entre estudantes universitários aumentou muito durante a pandemia

de COVID-19 (21). Maia e Dias (2020) encontraram um aumento significativo de perturbação psicológica (ansiedade, depressão e estresse) em universitários no período pandêmico comparativamente a períodos normais (22). Assunção-Luiz e cols (2021) verificaram que alunos de pós-graduação têm sofrido crises de ansiedade e vivenciado momentos de pânico, medo, nervosismo, insônia e depressão em tempo de quarentena devido a repentina adaptação para o ensino a distância, as mudanças de prazos e as incertezas quanto ao futuro (4). Além disso, um estudo na Espanha identificou que, durante a pandemia de COVID-19, estudantes de graduação apresentaram maiores níveis de depressão em comparação com alunos de mestrado e trabalhadores da universidade, mostrando que os diferentes segmentos sociais foram atingidos pela pandemia (23).

De maneira geral, adultos jovens foram impactados com problemas de saúde mental durante a pandemia e por isso, ficaram mais propensos a usar ansiolíticos e antidepressivos (24). No presente estudo, houve aumento de posologia desses medicamentos entre os estudantes de pós-graduação da área da Saúde.

É estimado que o uso de medicamentos antidepressivos por jovens chegue a 8,3% (35) e pode ser maior em estudantes da área de saúde, chegando a 11,4% (36). De acordo com os resultados desse estudo, foi identificado um percentual bem maior de participantes (38,2%) que afirmaram utilizar esse tipo de medicação.

Na Inglaterra, houve um aumento significativo no número total de prescrições de antidepressivos/ansiolíticos dispensadas no ano de 2020 em comparação com 2019, sugerindo o impacto potencial da COVID-19 na saúde e bem-estar mental do público em geral (25). No entanto, no Canadá, não houve mudanças nas tendências de dispensação de desse tipo de medicamentos, apesar do aumento do relato de sintomas depressivos e ansiosos na população durante a pandemia da COVID-19 (26), indicando que esse contexto pode ter impactado diferentemente os países.

Embora mais pessoas tenham relatado sintomas depressivos e ansiosos, isso não se traduziu diretamente em aumentos no tratamento farmacológico de seus sintomas. É possível que as pessoas

encontrassem dificuldade em ter acesso, devido à escassez de profissionais de saúde mental, longos tempos de espera para atendimento na saúde, estigma, desigualdades geográficas e demográficas, custos associados à terapia (27), ou até mesmo a opção por tratamentos alternativos não farmacológico, como terapia psicológica (26).

Os medicamentos mais usados relatados na presente pesquisa foram da classe dos inibidores seletivos de recaptção de serotonina (ISRS). Pesquisas brasileiras já indicavam uma preferência de estudantes da área da saúde pelo uso de ISRS, principalmente fluoxetina e sertralina (28,29). Essa mesma classe de medicamentos foi 3 vezes mais prescrita em 2020, na Inglaterra, do que nos anos anteriores, atingindo o pico em abril do mesmo ano, especialmente a sertralina (25).

Mais de 79% dos estudantes que usavam esses medicamentos afirmaram sentir reações adversas aos medicamentos que, embora leves, sugerem um risco à saúde potencializado no contexto da pandemia de COVID-19. Assim, esta população torna-se mais exposta e suscetível a desenvolver um quadro clínico indesejado.

Entre as estratégias não farmacológicas citadas no presente estudo a mais prevalente foi a psicoterapia, possivelmente devido a maior facilidade no acesso, considerando o aumento da oferta por via remota durante o período pandêmico. Em vários países houve um aumento na procura pela psicoterapia via internet ou telefone, comparado com períodos pré-pandemia (30).

A maioria dos estudantes que participaram da pesquisa alcançou pontuação característica de sofrimento mental de acordo com o teste SRQ 20, principalmente entre os do sexo feminino que, conseqüentemente, também usaram mais medicamentos antidepressivos/ansiolíticos proporcionalmente. Tristeza, tensão, preocupação, dormir mal e cansaço frequente foram as maiores queixas dos pós-graduandos. Semelhante a nossos resultados, Barros e cols (2020) também encontraram alta prevalência de nervosismo, tristeza e alterações do sono entre adultos jovens, mulheres e pessoas com antecedente de depressão durante a pandemia (15).

Quanto às limitações do presente estudo, destaca-se o caráter transversal, sendo os resultados obtidos específicos da amostra e do momento pesquisado, sem possibilidade de generalização. Outro

fator limitante foi o uso de um instrumento on-line para a coleta dos dados, dessa forma, a amostra foi composta por aqueles que, por algum motivo, se interessaram em responder ao questionário, o que pode gerar vieses. Para minimizar esse risco, a pesquisa obteve um número expressivo de questionários respondidos, com representantes de todos os PPG.

Se, como sugerem os resultados do presente estudo, a pandemia de COVID-19 levou a maioria dos estudantes de pós-graduação a um estado de sofrimento mental, as universidades devem implementar e ofertar estratégias de enfrentamento, visando o bem-estar e apoio emocional no caso de situações semelhantes que possam acontecer no futuro. Em termos de pesquisas futuras, seria útil investigar, mesmo fora da pandemia, grupos que recebem apoio universitário e aqueles que não recebem, para comparação, por exemplo, em relação ao grau de resiliência psicológica ou necessidade de uso de medicamentos.

## CONCLUSÃO

---

Este estudo mostra que a pandemia de COVID-19 (2021/2022) provocou impactos negativos na qualidade de vida dos estudantes pós-graduandos *stricto sensu* da área da Saúde, influenciando no aumento do uso de medicamentos ansiolíticos e antidepressivos. Os dados desta pesquisa apontam para a necessidade de atenção e cuidado a esta população que em condições normais já convivem com altos níveis de ansiedade e estresse.

Desta forma, em situações como o surgimento de uma pandemia com graves desfechos sociais é importante discutir estratégias de enfrentamento saudáveis, além de informações e possibilidades de cuidados com o bem-estar além da farmacoterapia. Sugerimos que as universidades ofereçam serviços psicológicos orientados e adaptados a essas circunstâncias para mitigar o impacto emocional nos membros dessa comunidade que ainda sofrem as conseqüências da pandemia de COVID-19.

## AGRADECIMENTOS

---

Agradecemos ao Dr. Francisco Vagnaldo Fachine Jamaru por nos auxiliar com as análises estatísticas deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

1. Coronaviridae Study Group of the International Committee on Taxonomy of Viruses. The species Severe acute respiratory syndrome-related coronavirus: classifying 2019-nCoV and naming it SARS-CoV-2. *Nat Microbiol* 2020;5(4):536-544. DOI: 10.1038/s41564-020-0695-z.
2. BRASIL. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Ministério da Educação Diário Oficial da União, Brasília, DF, ed. 53, 18 mar.
3. Rodrigues BB. Aprendendo com o Imprevisível: Saúde Mental dos Universitários e Educação Médica na Pandemia de Covid-19. *Rev Bras Edu Med* 2020;44(Suppl 01):e149. DOI: 10.1590/1981-5271v44
4. Assunção-Luiz AV, Pitta NC, Cintra AS, Corsi CAC, Queiroz AAFNL, Fernandes APM. Impacto da COVID-19 em alunos de pós-graduação. *Olhares & Trilhas* 2021;23(2):538-554. DOI: 10.14393/OT2021
5. Tasso AF, Sahin NH, San Roman GJ. COVID-19 Disruption on College Students: Academic and Socioemotional Implications. *Psychol Trauma*. 2021;13(1):9-15. DOI: 10.1037/tra0000996
6. Adewuya AO, Ola BA, Aloba OO, Mapayi BM, Oginni OO. Depression amongst Nigerian university students. Prevalence and socio-demographic correlates. *Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol* 2006;41(8):674-678. DOI: 10.1007/s00127-006-0068-9.
7. Cavestro JM, Rocha FL. Prevalência de depressão entre estudantes universitários. *J Bras Psiquiatria* 2006;55(4):264-267. DOI: 10.1590/S0047-20852006000400001
8. Hagenauer G, Volet SE. Teacher-student relationship at university: an important yet under-researched field. *Oxford Rev Edu* 2014;40(3):370-388. DOI: 10.1080/03054985.2014.921613
9. CFF. Vendas de medicamentos para depressão aumentaram 13% este ano [Internet]. Brasília: Conselho Federal de Farmácia Notícia: 30/07/2021. Available from: <https://www.cff.org.br/noticia.php?id=6428>
10. Mari JJ. Psychiatric morbidity in three primary medical care clinics in the city of Sao Paulo. Issues on the mental health of the urban poor. *Soc Psychiatry* 987;22(3):129-138. DOI: 10.1007/BF00583847
11. Gonçalves DM, Stein AT, Kapczinski F. Avaliação de desempenho do SelfReporting Questionnaire como instrumento de rastreamento psiquiátrico: um estudo comparativo com o Structured Clinical Interview for DSMIV-TR. *Cad Saude Publica* 2008;24(2):380-390. DOI: 10.1590/S0102-311X2008000200017.
12. Duarte MD, Santo MA, Lima CP, Giordani JP, Trentini CM. COVID-19 e os impactos na saúde mental: uma amostra do Rio Grande do Sul, Brasil. *Ciê. Saúde Colet* 2020;25(9):3401-3411. DOI: 10.1590/1413-81232020259.16472020.
13. Pimentel D, Figueiredo DL, Mattos RM, Barreto ID. Mental health of Brazilian physicians during the COVID-19 pandemic. *Res Soc Dev* 2020;9(10):e5129108758. DOI: 10.33448/rsd-v9i10.8758
14. Ozamiz-Etxebarria N, Dosil-Santamaria M, Picaza-Gorrochategui M, Idoiaga-Mondragon N. Niveles de estrés, ansiedad y depresión en la primera fase del brote del COVID-19 en una muestra recogida en el norte de España. *Cad. Saúde Pública* 2020;36(4):e00054020. DOI: 10.1590/0102-311X00054020.
15. Barros MB, Lima MG, Malta DC, Szwarcwald CL, Azevedo RC, Romero D, Souza Júnior PR, Azevedo LO, Machado ÍE, Damacena GN, Gomes CS, Werneck AD, Silva DR, Pina MD, Gracie R. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. *Epidemiol Serv Saúde* 2020;29(4): e2020427. DOI:10.1590/s1679-49742020000400018.
16. Teixeira LD, Costa RA, Mattos RM, Pimentel D. Saúde mental dos estudantes de Medicina do Brasil durante a pandemia da coronavirus disease 2019. *J Bras Psiquiatria* 2021;70(1):21-29. DOI: 0.1590/0047-2085000000315
17. Weiss P, Murdoch DR. Clinical course and mortality risk of severe COVID-19. *Lancet* 2020;395(10229):1014-1015. DOI: 10.1016/S0140-6736(20)30633-4
18. Zhou F, Yu T, Du R, Fan G, Liu Y, Liu Z, Xiang J, Wang Y, Song B, Gu X, Guan L, Wei Y, Li H, Wu X, Xu J, Tu S, Zhang Y, Chen H, Cao B. Clinical course and risk factors for mortality of adult inpatients with COVID-19 in Wuhan, China: a retrospective cohort study. *Lancet* 2020;395(10229):1054-1062. DOI: 10.1016/S0140-6736(20)30566-3. Erratum in: *Lancet* 2020;395(10229):1038. Erratum in: *Lancet* 2020;395(10229):1038.
19. Wallace CL, Wladkowski SP, Gibson A, White P. Grief During the COVID-19 Pandemic: Considerations for Palliative Care Providers. *J Pain Symp-*

- tom Manage 2020;60(1):e70-e76. DOI: 10.1016/j.jpainsymman.2020.04.012
20. Schmidt B, Gabarra LM, Gonçalves JR. Intervenção psicológica em terminalidade e morte: relato de experiência. *Paidéia* 2011;21(50):423-430. DOI: 10.1590/s0103-863x2011000300015
21. Li Y, Wang A, Wu Y, Han N, Huang H. Impact of the COVID-19 Pandemic on the Mental Health of College Students: A Systematic Review and Meta-Analysis. *Front Psychol* 2021;12:669119. DOI: 10.3389/fpsyg.2021.669119.
22. Maia BR, Dias PC. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. *Estud. Psicol* 2020;37:e200067. DOI: 10.1590/1982-0275202037e200067
23. Odrizola-González P, Planchuelo-Gómez Á, Irurtia MJ, de Luis-García R. Psychological effects of the COVID-19 outbreak and lockdown among students and workers of a Spanish university. *Psychiatry Res.* 2020;290:113108. DOI: 10.1016/j.psychres.2020.113108
24. Pierce M, Hope H, Ford T, Hatch S, Hotopf M, John A, Kontopantelis E, Webb R, Wessely S, McManus S, Abel KM. Mental health before and during the COVID-19 pandemic: a longitudinal probability sample survey of the UK population. *Lancet Psychiatry.* 2020;7(10):883-892. DOI: 10.1016/S2215-0366(20)30308-4
25. Rabea SA, Merchant HA, Khan MU, Kow CS, Hasan SS. Surging trends in prescriptions and costs of antidepressants in England amid COVID-19. *DARU J Pharm Sci* 2021;29(1):217-221. DOI: 10.1007/s40199-021-00390-Z
26. Uthayakumar S, Tadrous M, Vigod SN, Kitchen SA, Gomes T. The effects of COVID-19 on the dispensing rates of antidepressants and benzodiazepines in Canada. *Depress Anxiety* 2021;39(2):156-162. DOI:10.1002/da.23228.
27. Moroz N, Moroz I, D'Angelo MS. Mental health services in Canada: Barriers and cost-effective solutions to increase access. *Healthc Manage Forum* 2020;33(6):282-287. DOI: 10.1177/0840470420933911
28. Cybulski CA, Mansani FP. Análise da Depressão, dos Fatores de Risco para Sintomas Depressivos e do Uso de Antidepressivos entre Acadêmicos do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa. *Rev Bras Educ Med* 2017;41(1):92-101. DOI: 10.1590/1981-52712015v41n1rb20160034
29. Souza RC, Souza LC, Costa JB, Soares WD, Cruz AF. O uso de antidepressivos em estudantes da área da saúde. *Braz. J. Dev* 2021;7(4):40842-40852. DOI: 10.34117/bjdv7n4-511.
30. Humer E, Thomas P. Provision of Remote Psychotherapy during the COVID-19 Pandemic. *Digit Psychol* 2020;1(2):27-31. DOI: 10.24989/dp.vi2.1868